

## **Na Quinta da Princesa Despertam as Mulheres da Organização Popular**

*Intervenção de Carolina Leão*

Queridas companheiras, um abraço! Um abraço que se converte nesta oportunidade ímpar do XI Congresso do MDM de compreender, de refletir e de denunciar as inúmeras formas de opressão que nos atingem, com diferentes dimensões, e que são cada vez mais sofisticadas e difíceis de desconstruir, principalmente se aceitarmos o individualismo e o isolamento.

Avançamos para um mundo multipolar, em termos geopolíticos, mas sob a égide do capitalismo, com uma globalização que aprofunda a dependência e a subalternidade económica, política, social, cultural e cognitiva dos povos.

É neste marco, na condição de mulheres que vivenciam múltiplas formas de opressão, que precisamos encontrar as condições objetivas e subjetivas, nas veias abertas pelo capitalismo, para construir experiências sociais que se afirmem, o melhor que conseguirmos, na contracorrente desta lógica.

É neste sentido que cá estou, na condição que me foi confiada de porta voz de uma experiência coletiva; alavancada pela cumplicidade e coragem de duas associações de mulheres: o MDM e a AMUCIP (Associação para o Desenvolvimento das Mulheres Ciganas Portuguesas). Um Projeto a que chamámos “Na Quinta da Princesa as Mulheres Contam”, com início em fevereiro de 2022.

Um trabalho que pela via da *Educação Popular*, na perspetiva de Paulo Freire, entrámos num bairro social no concelho do Seixal, a Quinta da Princesa; motivámos mulheres de origem africana e afrodescendentes; ciganas e todas as que se quisessem juntar.

Apostámos num *Diagnóstico Participativo*, em que foram ouvidas sobre os seus problemas e os do bairro; definiram prioridades de intervenção, construíram a estratégia de organização da comunidade e estão na linha de frente do diálogo com as instituições, acionando as entidades responsáveis para que assumam as suas responsabilidades.

Entre as suas prioridades estão a luta para a recuperação das habitações e dos espaços comuns, em situação de degradação; a articulação com as/os profissionais de saúde para a melhoria do atendimento à população, em especial das mulheres, muitas sem médicos de família; resgatar a alfabetização entre os sonhos das mais idosas, de aprender a ler e escrever.

Foi construído, o *Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa*. Hoje, com o suporte da nossa equipa, tem sido a linha de frente da mobilização e organização dos/as moradores/as do bairro. Elas elaboraram um questionário; realizaram o levantamento dos problemas das habitações, das áreas comuns e dos espaços exteriores; convocaram as/os residentes para reuniões; escolheram as porta vozes, estão a formar a 1ª comissão de moradores do bairro e, ainda, estão a acionar os poderes públicos para encontrar soluções conjuntas.

Esta é uma das contribuições possíveis do MDM: apropriar-se de pedagogias críticas, de cariz emancipatório e feminista, para despertar o património de resistência, de criação e saberes das mulheres mais atingidas pelas suas condições de classe social; cor da pele; etnia; pela construção social de raça como herança do colonialismo e do capitalismo. É na solidariedade com associações de mulheres como a AMUCIP e no despertar de novos sujeitos políticos de direitos, como o *Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa*, que a luta do Movimento Democrático de Mulheres se faz presente. A força do MDM também se afirma na recuperação do sentido de comunidade, a partir da capacidade de mobilização destas mulheres e no sentir-pensar das lutas populares.